

Resenha

HOMEM, Wagner. *Histórias de Canções: Chico Buarque*. São Paulo: Leya Brasil, 2009.

Resenhado por: Georgiana Coelho Santos Silva¹ (UFPB) e
Socorro de Fátima Pacífico Barbosa² (UFPB)

Chico Buarque é uma unanimidade e seu prestígio pode ser constatado pelo número de biografias e antologias que dão conta da sua vida e obra. Dentre os mais recentes temos *Histórias de canções – Chico Buarque*, de Wagner Homem, publicado pela editora (2009).

O livro *História de Canções* é o primeiro produto de um projeto de Wagner Homem que visa produzir uma série de livros, enfocando a obra musical de diversos artistas. Optou por começar com Chico Buarque devido à relação que já possui com o artista, uma vez que ele, além de curador do site oficial de Chico Buarque, é amigo do compositor há muitos anos. No caso deste projeto, o autor tenta contar a vida de seus biografados através das canções.

História de Canções: Chico Buarque começa pelo ano de 1964, o qual para o autor coincide com o nascimento da MPB. A narrativa é cronológica e percorre o marco temporal de 1964 a 2009, compreendendo os anos que foram significativos para a música do autor. Ao começar seus escritos pelo nascimento da MPB, e não pelo nascimento de Chico Buarque, Wagner Homem confirma sua intenção de delinear sua obra menos pelo aspecto da vida do que pelas músicas do artista. Nas palavras do autor, o objetivo do livro é contar “historinhas” envolvendo a criação musical de Chico Buarque. A trajetória política brasileira segue, contudo, sendo o pano de fundo em todos os capítulos, com destaque para o período da Ditadura Militar, fase especialmente fértil no que concerne à criação musical de Chico. A narrativa, apesar de cronológica, não é linear. A vida do artista é representada de forma descontínua, sem pretensão de linearidade, pois se apresenta em fragmentos atrelados a sua produção musical. Ao contrário de buscar uma coerência e de tentar adequar os acontecimentos da vida a uma sucessão lógica, neste livro o tempo e a história do artista estão sujeitos às composições musicais. São elas que determinam os períodos que interessam ou não ser narrados.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bolsista do CNPq.

² Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP). Docente Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: socorrofpbarbosa@hotmail.com.

No primeiro capítulo, “As primeiras canções”, é retratado o nascimento de Francisco Buarque de Holanda seguindo-se a narrativa das primeiras influências e investidas artísticas daquele que se tornaria o ídolo Chico Buarque. Enquanto as “historinhas” são narradas, inevitavelmente, a biografia de Francisco Buarque de Holanda vai se delineando. Vida e obra de um artista consagrado como Chico Buarque permanecem indissociáveis no imaginário popular. Seria impossível tratar da vida sem perscrutar sua produção artística, assim como seria impossível contar as histórias de suas músicas sem narrar momentos da vida do artista. Apesar de toda a curiosidade que o conhecimento da sua vida íntima, seus relacionamentos e seu engajamento político despertam, suas criações artísticas se mantêm como o assunto principal em *História de Canções*.

Com este formato, Wagner Homem apresenta uma narrativa que, pelo menos no que concerne ao tempo, foge àquilo que Pierre Bourdieu (1996) denomina “ilusão biográfica”. A crítica de Bourdieu às biografias é a de que estas costumam seguir um formato diacrônico, em que a busca de linearidade nas biografias, não traduziria uma vida que seria repleta de mudanças, incertezas e nuances, que não caberiam neste formato linear e coerente. No que concerne à idealização da vida do biografado, certamente Wagner Homem selecionou, excluiu e ressaltou as canções, e consequentemente as histórias ligadas a elas que julgou pertinentes ao propósito do seu trabalho.

A forma como o jovem Chico Buarque é retratado por Wagner Homem o anuncia como a de um promissor artista que já sabia o que queria ser desde pequeno. Em um trecho do livro conta a história de um bilhete que o menino Chico, com apenas nove anos de idade, deixou para a sua avó quando este foi morar com os pais na Itália “Vovó Heloísa. Olhe vizinha não se esqueça de mim. Se quando eu chegar aqui você já estiver no céu, lá mesmo veja eu ser um cantor do rádio.” (HOMEM, 2009, p.12) e ainda “ São dessa época suas primeiras aventuras musicais – marchinhas de carnaval, influência, talvez, do que ouvia no rádio da babá índia.” (idem).

A juventude de Chico aparece envolta em um ambiente de inspiração artística: rodas de samba no Rio de Janeiro e São Paulo, festivais, escritos em jornal estudantil, convívio com artistas da estirpe de Vinícius de Moraes, etc. o que teria inspirado uma de suas primeiras músicas “Canção dos olhos”, em 1959 quando o compositor tinha apenas quinze anos. Ao reunir e escolher momentos em que a face do artista já se encontra delineada, Wagner Homem demonstra sua intenção de representar Chico na sua mocidade, não como um moço qualquer, mas como um esboço do artista que este haveria de tornar-se.

As fontes utilizadas por Wagner Homem foram das mais variadas: depoimentos, entrevistas de Chico Buarque divulgadas na imprensa, notícias de jornais e revistas, informações contidas no site oficial do Chico Buarque, do qual o autor do livro é curador, discos, documentos, cartas e ainda, livros já publicados. Ao selecionar algumas fontes e descartar outras o biógrafo seleciona aquelas que vão corroborar a forma que ele deseja que a vida do biografado seja idealizada, ou, ainda, seleciona fontes que possuam autoridade para legitimar a biografia. A participação

de figuras importantes do cenário artístico brasileiro é abundante no decorrer do livro, seja na forma de depoimentos, seja por fragmentos escritos, reportagens ou participação nas histórias das músicas. No caso do prefácio, este foi escrito por Toquinho, que além de destacar a sua amizade com Chico Buarque, elogia o livro e deseja sucesso ao seu autor.

Ainda que faça uso de depoimentos, ou da fala dos outros, a escrita sempre estará sujeita à interpretação e escolhas do biógrafo. Estas escolhas fazem seleção e exclusão de várias ordens para traduzir da melhor forma possível o projeto com o qual o biógrafo resolveu pintar o retrato do seu biografado. No livro em questão, o tom do discurso passeia entre a simples conversa, por vezes parecendo que o autor está interagindo em tempo real com os leitores: “a emissora, querendo ser mais realista que o rei, resolveu agradar à ditadura e decidiu que ele não apareceria na sua programação, isso no momento em que ele mais precisava trabalhar, perseguido que era pela censura.” (HOMEM, 2009, p.95). Em outros momentos o tom é bastante informativo e até jornalístico: “Em junho de 1988, a Constituinte aprova mandado de cinco anos para o presidente Sarney, e no mesmo mês o bloco independente do PMDB deixa a legenda para fundar o PSDB.” (HOMEM, 2009, p. 247).

Uma característica que costuma ser distinta entre o romance comum e a biografia é a de que, a não ser que o biografado seja um desconhecido, não é o nome do autor que instiga os leitores a ler tal obra, mas o nome do biografado ou o interesse pela sua obra. Já, no que concerne à diferença entre escrever a vida de um artista e a de uma pessoa comum, pode-se destacar que por mais que se atenha a acontecimentos da vida cotidiana do artista, esta narrativa estará inevitavelmente atrelada à sua produção artística.

Histórias de canções dialoga com aqueles leitores que intencionam apreender ou compreender a mente criativa de Chico Buarque. Pode-se dizer que ao contar as histórias das canções do cantor, Wagner Homem lida com a curiosidade, quiçá o *voyeurismo* do leitor que ao ler o livro sente-se parte da gênese das músicas de Chico Buarque e das motivações da sua obra musical. Segundo Maingueneau (2006), o momento do nascimento da escrita, ou composição é cercado de uma aura sacralizada que ajuda a legitimar a obra do escritor, ela denomina esses momentos de “ritos genéticos”. Dessa forma, ao narrar as histórias das canções de Chico, Wagner Homem introduz o leitor na ante sala destes ritos.

Dentro do campo intelectual ou artístico a obra de um artista só se torna compreensível quando confrontada com os valores e pressupostos vigentes na sua época. Ao conhecer com quais pressupostos o artista Chico Buarque se identifica ou identificava-se em determinada época, a compreensão de sua obra se torna mais abrangente. Mais uma vez obra e autor se associam na compreensão mútua – através da obra compreende-se mais o autor e através da história do autor e de seus contemporâneos, compreende-se mais a obra, cabendo ao leitor a orquestração de todos esses elementos.

Quando o objeto da biografia está vivo, sua relação com o biógrafo e a biografia acontece de forma direta. No caso de *História de Canções* a relação foi de cumplicidade. Segundo o próprio Chico Buarque, ao ler o manuscrito do livro ele se

lembrava de alguma história que podia ser interessante para revelar a Wagner Homem, mas ao continuar a leitura, descobria que o autor já a havia contado. Conforme afirma Bourdieu (1996), na biografia, o sujeito e o objeto têm o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada. Aquele, conta com a cumplicidade deste, estabelecendo uma “criação artificial de sentido”.

Recentemente o jornalista Fernando Morais escreveu a biografia de Paulo Coelho intitulada *O Mago* (2008). Em entrevista sobre o livro, o jornalista descreve as agruras pelas quais passou e afirmou que seria a primeira e a última vez que escreveria a biografia de alguém vivo. Segundo Fernando Morais (2009), ao escrever tal biografia, ainda que autorizada, existiria sempre a preocupação da repercussão do que seria revelado e as consequências disso, devido ao fato do biografado estar “vivo e andando por aí”. O fato de o biografado estar vivo funcionaria direta ou indiretamente como um instrumento de controle, censura.

Outro caso é o das biografias não autorizadas, na qual o biografado não tem controle direto sobre as informações que serão reveladas ou da maneira como a narrativa irá retratá-lo. Os indivíduos citados na narrativa frequentemente se julgam no direito de avaliar ou reprovar o conteúdo da mesma. Afinal, a história de vida pertenceria ao biógrafo ou ao biografado? Tais polêmicas podem resultar até em processos legais contra o biógrafo, fato que ocorreu recentemente quando da publicação de uma biografia não autorizada do cantor e compositor Roberto Carlos.

Uma discussão recorrente quando se trata de biografias é o seu compromisso com a realidade ou a sua liberdade literária. A resposta à questão acima estaria profundamente atrelada ao status que se dá à biografia. Alguns a consideram ficção, um romance, o que ampliaria a liberdade do seu autor. Outros preferem conferir-lhe o *status* de fato histórico. Segundo Philippe Lejeune (2008) esse *status* dependeria do pacto firmado entre biógrafo e leitor. Ainda segundo Lejeune (2008), a autobiografia, (e aqui podemos aplicar esta observação também à biografia) à medida que é literária visa ao mesmo tempo o belo e o verdadeiro.

Partindo dessas proposições, nos deparamos com conceitos variáveis e subjetivos. É realmente Chico Buarque que encontramos no livro de Wagner Homem? O conceito de verdade pode assumir diferentes variáveis no contexto de *História de Canções*. Os fatos históricos presentes no livro podem ser comprovados através de documentos, mas, muitas histórias colocadas no livro só fazem parte do universo familiar ou de amigos de Chico Buarque e não possuem comprovação documental.

Assim, a partir do momento em que não existem documentos ou registros jornalísticos comprovando certos fatos e estes foram colhidos através de depoimentos e entrevistas com o biografado e pessoas que conviveram com ele, estes fatos estão sujeitos à memória destes e, portanto, fazem parte de um material altamente volátil. Nenhum indivíduo, por mais íntimo que seja de Chico Buarque poderá revelá-lo na sua totalidade. O depoimento das pessoas que se relacionam com ele sempre será uma representação fragmentada do ser humano real e das situações reais.

Para corroborar esta afirmação, recorramos à fala de Candido (2005, p. 56) quando afirma que “a noção a respeito de um ser, elaborado por outro ser, é sempre incompleta, em relação à percepção física inicial. E que o conhecimento dos seres é fragmentário”. Parece pretensão tentar retomar o momento de criação das canções de um artista e, mais pretensão ainda tentar escrever a vida de quem quer que seja. Por isso, ao chamar de “historinhas” as suas narrativas, Wagner Homem demonstra despreensão em abarcar histórias completas ou incontestáveis em seu livro.

Menor ainda parece ser a sua pretensão literária, pois, no que diz respeito à linguagem utilizada, o autor do livro permanece fiel à sua intenção de contar historinhas. Fato que não o impediu de figurar durante semanas entre a lista dos livros mais vendidos da *Revista Veja*, ao contrário, possivelmente ajudou, pois, nem todos estão dispostos a consumir literatura, mas quem não pode dedicar alguns minutos a ler ou ouvir “historinhas”?

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 51-80.

HOMEM, Wagner. *Histórias de Canções: Chico Buarque*. São Paulo: Leya Brasil, 2009.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

MORAIS, Fernando. *O Mago*. Rio de Janeiro: Planeta do Brasil, 2008.